

Orbán e a democracia cristã europeia em tempos de crise

A inversão que Orbán cometeu da síntese europeísta cristã-democrata contaminou a credibilidade do PPE e a sua autoridade. A reconstrução desta identidade não é agora tarefa fácil.

Madalena Meyer Resende | Observador | 11 mar 2021, 00:074

O fim da novela entre o Fidesz de Viktor Orbán e a sua família política europeia, o PPE, é um desenvolvimento que deve ser saudado por quem tenha apreço tanto pela democracia como pela integração europeia. O processo que levou à retirada dos eurodeputados do Fidesz do grupo parlamentar do PPE foi um passo tardio e que deixa um sabor amargo aos intervenientes.

A exclusão do Fidesz do PPE demonstra a preponderância do presidente do PPE, o ex-primeiro-ministro polaco Donald Tusk, face à posição mais moderada da CDU/CSU e será uma derrota da tentativa de mediação ensaiada pela chanceler alemã no seio da família democrata-cristã. Ainda em dezembro, Merkel tentara manter Orbán a bordo, negociando o compromisso que, perante as posições assumidas pela Polónia e a Hungria, conciliou o mecanismo do Estado de Direito com a viabilização do Fundo de Recuperação.

Comenta-se em Berlim que na CDU/CSU existia, por tradição, grande resistência ao endurecimento de posições face ao Fidesz. Tal postura advinha, por um lado, da preocupação com a perda de poder devido à redução da dimensão do grupo do PPE; por outro, do temor de que um afastamento do Fidesz levasse, a prazo, a Hungria a abandonar a UE. Neste contexto, é com frequência recordado que a saída dos conservadores britânicos do PPE, em junho de 2009, foi um primeiro prenúncio, e mesmo um passo, para o Brexit.

Apesar disso, é claro que os deputados europeus da CDU/CSU votaram a favor da proposta de alteração de regras de expulsão, mas que a Presidência da CDU continua a lidar com a expulsão do Fidesz do PPE com *“extremo cuidado”*. Decisivo para a mudança de ventos no PPE parece ter sido a eleição de Donald Tusk como presidente. Antes, os esforços para resolver o problema do recuo democrático do Fidesz raramente se traduziram em mais do que um exercício de relações públicas. Ainda em setembro, Tusk afirmou haver muitos membros do PPE – leia-se a CDU/CSU – que criticam a filosofia política de Orbán e, ainda assim, não queriam ostracizar o Fidesz, receando uma divisão do PPE no Parlamento Europeu.

Agora os democratas-cristãos alemães apresentam a exclusão do Fidesz como resultado da necessidade de preservação ideológica do centro direita europeu. O presidente da facção do PPE no Parlamento Europeu, Manfred Weber, declarou que o Fidesz *“já não representa os valores encarnados pelo PPE”*. Também o líder da CSU bávara e possível candidato cristão-democrata à chancelaria, Markus Söder, evocou a salvaguarda dos fundamentos ideológicos da CSU e do PPE para o seu distanciamento de Orbán. *“O Fidesz distanciou-se do PPE e das fundações democratas-cristãs”*. Palavras duras de um partido, que em 2015 se alinhava com Orbán durante a crise dos refugiados.

Encontramo-nos perante uma pesada derrota para Orbán, sendo ele, afinal, quem perde a influência, legitimidade e proteção que a filiação no PPE lhe proporcionou durante décadas. Lamenta-se que este desfecho tenha sido tão tardio. A inversão que Orbán cometeu da síntese

européista cristã-democrata – dando uso desde 2015 a um nacionalismo cristão que atenta contra os princípios tanto da democracia como da integração europeia – contaminou a credibilidade do PPE e a sua autoridade. A reconstrução desta identidade – que foi um dos pilares legitimadores da construção europeia – não é agora tarefa fácil.

<https://observador.pt/opiniao/orban-e-a-democracia-crista-europeia-em-tempos-de-cri-se/>